

TEXTOS MULTIMODAIS E O DISCURSO REPORTADO NO TELEJORNALISMO

Jailton Ferreira de Oliveira (Profletras/UFPE)
prof.jailton@hotmail.com

RESUMO

A modalidade verbal e os outros modos semióticos que compõem o texto multimodal são, igualmente, formas de representação e, portanto, constituem arranjos enunciativos capazes de remeter ao discurso do outro. Nosso empenho consiste em comprovar essa hipótese. Para tanto, analisamos os recursos semióticos constitutivos do discurso reportado no suporte televisivo, através da observação de alguns telejornais, na tentativa de compreendermos como se constroem multimodalmente, nesses textos, as referências ao discurso de outrem.

PALAVRAS-CHAVE

Textos multimodais; Discurso reportado; Telejornalismo.

ABSTRACT

The verbal mode and other semiotic modes that make up the multimodal text are also forms of representation and therefore constitute enunciative arrangements able to refer to the speech of others. Our commitment is to prove this hypothesis. Therefore, we analyze the constitutive semiotic resources of reported speech on television support, through the observation of some news programs in an attempt to understand how to build multimodalmente, these texts, references to another's speech.

KEYWORDS

Multimodal Texts; Reported speech; Tele journalism.

0. Introdução

Convivemos na era das linguagens híbridas, da multimodalidade e da hipertextualidade, da confluência de modos, de formas, de linhas, de cores, de sons, de *layouts* etc. e das “novas” formas remissivas, da produção e da recepção multilinear (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, 2006; DIONISIO, 2011;

DIONISIO E VASCONCELOS, 2013; RIBEIRO, 2016). Contemporaneamente, não é aceitável apenas considerarmos o modo verbal como único e suficiente constituinte do texto, o que seria uma visão purista, isto é, uma visão monomodal da linguagem (SANTAELLA, 2007; RIBEIRO, 2016).

Além do mais, os gêneros discursivos são construtos sociais regulares relativamente estáveis. Por serem bastante maleáveis, eles se ajustam às representações simbólicas que os compõem – considerados as situações e os propósitos comunicativos (BAKHTIN, [1979] 2010; MILLER, [2009] 2012; BAZERMAN, 2006, 2007, 2011). Assim, reconhecemos e nos posicionamos diante de diferentes gêneros relacionados às nossas práticas diárias, portanto, estamos sempre realizando ações através de textos. Pois, como afirmam Rojo e Barbosa (2015, p. 28) quando se referem aos gêneros: “[...] São universais concretos que circulam na vida real”. Essas ações retóricas concretas não são estáticas. Com o passar do tempo, certos gêneros evoluem, outras vezes, surgem novos gêneros. Isso acontece como resposta às novas demandas de interação social, muitas delas provenientes dos avanços tecnológicos que desenvolvem novas ferramentas e soluções comunicacionais.

O discurso está cada vez mais multimodal e isso, sobretudo, representa uma maior diversificação em seus arranjos híbridos, isto é, na maneira de compor a tessitura do texto (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, 2006; DIONISIO, 2011; DIONISIO E VASCONCELOS, 2013; SANTAELLA, 2007; RIBEIRO, 2016). Com isso, novas formas remissivas de reportar o discurso de outrem, entre outras possibilidades, emergem unidas nos textos multimodais, ou seja, ligadas a essas composições multissemióticas. Assim, queremos dizer que não apenas as palavras, ou seja, unicamente o modo verbal, mas também as imagens, os movimentos, os sons, os *layouts*, combinados em um texto audiovisual, constituem arranjos enunciativos capazes de remeter ao discurso do outro, portanto se estabelece um discurso reportado de configuração multimodal. Neste trabalho, nossa tentativa consiste em comprovar essa hipótese.

Para tanto, analisamos os recursos semióticos constituintes do discurso reportado no suporte televisual. Observamos alguns telejornais, especialmente da *Globo News*, na tentativa de compreendermos como se constroem multimodalmente as referências ao discurso de outrem nos noticiários telejornalísticos? Com esse objetivo, nos amparamos principalmente nos estudos da Multimodalidade ou Teoria Multimodal do Discurso (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, 2006; KRESS, 2003; DIONISIO, 2011; DIONISIO E VASCONCELOS, 2013; RIBEIRO, 2016); além dos estudos da Heterogeneidade constitutiva que abarcam o interdiscurso e o dialogismo¹ (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2009; BAKHTIN, [1979] 2010; AUTHIER-REVUZ, 1990; FAIRCLOUGH, 2001; MAINGUENEAU, 2008), bem como, do Hipertexto (XAVIER, 2009; RIBEIRO, 2016).

Neste artigo, optamos por organizar o texto em dois blocos de análise e, entre eles, um tópico teórico, pois acreditamos que assim, mesclando-os de forma mais concisa, agenciamos convenientemente os aspectos que queremos ressaltar em cada um deles.

1. Heterogeneidade discursiva e intertextualidade

Maingueneau (2008) defende que a constituição do discurso é: situado para além da frase, orientado, uma forma de ação, interativo, contextualizado, regido por normas e considerado no bojo de um interdiscurso. Um ponto interessante a observar é justamente este, que um texto remete ou dialoga com outros textos, ou seja, todo texto é, de maneira inevitável, um intertexto ou um interdiscurso. Esse princípio é conhecido como heterogeneidade enunciativa e acontece em planos distintos: a heterogeneidade mostrada – que acontece a partir do contexto situacional – e a heterogeneidade constitutiva – que é notada

¹ É interessante esclarecermos que, metodologicamente, transitamos pelas interseções entre teorias aparentemente distintas, todavia buscamos diálogos nos pontos em que se cruzam ou inter cruzam.

através de vestígios de outros textos anteriores (AUTHIER-REVUZ,1990; MAINGUENEAU, 2008).

O tema da heterogeneidade é bastante complexo, tantas são as noções que, em quadros teóricos diferentes, dão conta de formas linguísticas discursivas ou textuais. Assim, observando apenas o modo verbal da linguagem, Authier-Revuz (1990, p. 25) explica que: “a heterogeneidade mostrada inscreve o outro na sequência do discurso – discurso direto, aspas, formas de retoque ou de glosa, discurso indireto livre, ironia – relativamente ao estatuto das noções enunciativas”. Segundo a autora, um discurso é heterogêneo porque se constitui sempre de outros discursos (AUTHIER-REVUZ,1990).

Para Fairclough (2001, p. 114), a intertextualidade é uma “propriedade que têm os textos de ser cheios de fragmentos de outros textos, que podem ser delimitados explicitamente ou mesclados”. Esse caráter dialógico do texto se revela intrínseco a seu próprio caráter social, porque em termos de produção de sentidos nunca agimos sozinhos e sem motivações que possam justificar as nossas ações retóricas. De maneira geral, este entrelaçamento de vários discursos é o que Bakhtin ([1979] 2010) chama de, numa abordagem dialógica, polifonia. Essa ideia é central para a linguística moderna e, conseqüentemente, para os estudos da linguagem. Com isso, entendemos que o discurso/enunciado não é homogêneo e está, inelutavelmente, crivado por outros discursos.

Nessa perspectiva, encontramos exemplos de intertextualidade em textos pertencentes às instâncias discursivas mais diversas, sejam elas de caráter político, acadêmico, religioso, comercial, escolar, jornalístico, jurídico etc. Desde as mais habituais formas de atuação retórica, como uma conversa informal face a face, às mais monitoradas e estáveis – que exigem uma maior formalidade – como um depoimento à justiça (MAINGUENEAU, 2008).

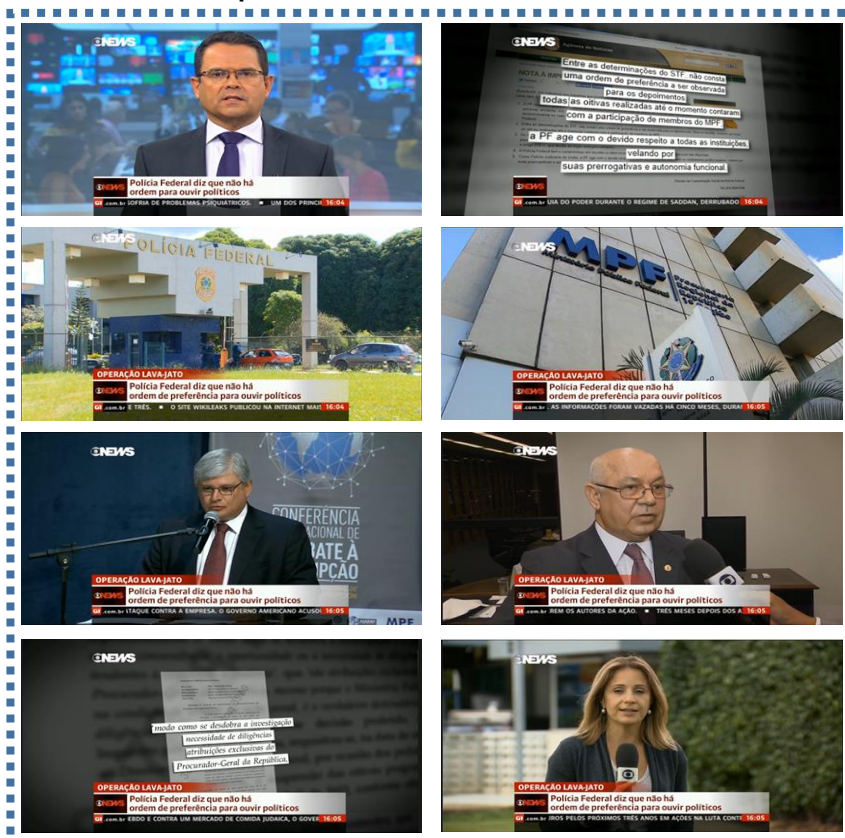
No domínio jornalístico, percebemos que quando lemos uma notícia, um artigo de opinião em um jornal, na plataforma impressa ou digital, ou assistimos

a um telejornal, localizamos várias marcas, sejam explícitas ou sejam implícitas, que remetem a outros textos; e que são indispensáveis à informação.

No gênero notícia, encontramos a articulação de discursos atribuídos a outras pessoas/instituições envolvidas direta ou indiretamente no fato noticioso, opiniões de autoridades, de especialistas sobre o assunto, de agentes públicos federais, estaduais e/ou municipais, de políticos, de magistrados, etc.

Estes aspectos podem ser constatados em trechos de uma notícia veiculada no canal Globo News, em uma das edições do dia 17 de abril de 2015, sobre a nota à imprensa intitulada “Inquéritos da Lava Jato no STF”, publicada no site da Polícia Federal (PF). Optamos por colocar trechos das imagens sem a transcrição do oral, apenas para demonstrar as observações que desejamos destacar.

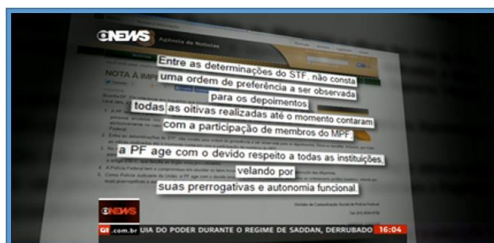
Exemplo 1: Trecho de notícia do Globo News²



Fonte: Globonews. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-ideos/v/pf-nega-que-ha-ordem-de-preferencia-para-depoimentos-de-politicos/4117802/>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

² Exemplo extraído da minha dissertação de mestrado intitulada A multimodalidade da charge animada e seu uso em sala de aula, defendida em julho de 2015 no Profletras/UFPE sob a orientação da Profa. Dra. Angela Paiva Dionisio e co-orientação da Dra. Helga Souza.

Observamos que, no referido telejornal, usa-se múltiplos recursos semióticos, na produção discursiva, para a exposição da notícia motivada pela nota da Polícia Federal. Como podemos perceber, em destaque:



Após o âncora do telejornal, Sidney Resende, comentar sobre a nota publicada pela PF, surge apenas a voz da repórter Gioconda Brasil – como numa tomada de discurso – enquanto na tela da tevê aparece a imagem da nota no próprio *site* da PF com destaques para alguns trechos. Quando a repórter trata da divergência da Polícia Federal e do Ministério Público Federal (MPF), aparecem as imagens das sedes dos dois órgãos, respectivamente.



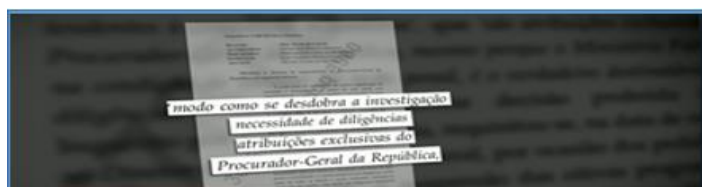
E ainda, na medida em que são citados os posicionamentos de autoridades como Rodrigo Janot – Procurador-geral da República – e Teori Zavascki³ – Ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) – simultaneamente suas imagens vão sendo exibidas.



³ Relator da operação lava a jato no STF.

O recurso da imagem, a nosso ver, ao lado da narrativa oral, visa, perceptivelmente, referenciar o discurso alheio. Ou seja, o discurso de outrem é citado e retomado de forma híbrida através de recursos verbo-visuais. Esta estratégia de composição do texto multimodal é bastante recorrente na esfera televisiva, especialmente, no telejornalismo.

Logo em seguida, é mostrada a imagem do documento também com destaques para alguns trechos da decisão de suspender todos os depoimentos para reanálise do andamento do inquérito, tomada pelo Ministro Teori Zavascki.



Finalmente, é exibida a imagem da jornalista⁴ no momento em que ela expõe a apreciação do Ministro da Justiça, na época José Eduardo Cardozo, para, em seguida, concluir a notícia.



Neste contexto, essa estratégia enunciativa televisiva (exibição da imagem: da nota da PF, de autoridade, de documento, além da voz e, posterior, imagem da repórter) é uma forma híbrida de atribuição e de responsabilização enunciativa. No domínio jornalístico, o uso de alguns recursos semióticos tem como intuito atribuir credibilidade e uma aparente “imparcialidade” às informações apresentadas, uma vez que expõe diferentes

⁴ Vale lembrar que, até o momento da exibição da imagem da repórter, apenas a voz dela era evidenciada, ou seja, posta em saliência.

sujeitos de discursos envolvidos no caso noticiado como verificamos em nosso exemplo.

Além disso, percebemos que, em praticamente todo momento da veiculação, a legenda “Operação Lava Jato: Polícia Federal diz que não há ordem de preferência para ouvir políticos” permanece – centralizada no quadrante inferior da tela – como sinalizadora do tema da notícia, o que pode ser justificado pela, cada vez maior, rotatividade dos telespectadores seguramente, proveniente das facilidades advindas do controle remoto e/ou outros meios de acesso, como *tablets* e *smartphones*, com suas variadas funções – que propiciam uma volatilidade na audiência.



Outro ponto importante a ser observado diz respeito ao *design* do referido canal de televisão, ou seja, seu *layout*, uma espécie de configuração relativamente estável que demarca uma identidade à emissora, além de exibir a logomarca – índice icônico do órgão televisivo – que neste caso fica no topo da tela – quadrante superior esquerdo; em outros canais, podemos verificar outra disposição.



E, por fim, na base da tela – quadrante inferior – como uma espécie de barra de rolagem horizontal, as informações mais recentes do portal G1, uma das plataformas do Grupo Globo de Comunicações⁵, ficam atualizando as notícias de momento. Observe que a referência da fonte de informação

⁵ Maiores informações: < <http://grupoglobo.globo.com/>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

“G1.com.br⁶” estabelece um nódulo hipertextual, sugerindo uma espécie de *link* – sem a instantaneidade da forma reconhecida digitalmente – mas parecida com a forma do hipertexto impresso. Como podemos conferir na imagem abaixo, com destaques:



Neste mesmo quadrante à direita, é apresentada a hora em formato de relógio digital. Para os telespectadores mais atentos e familiarizados com esse mecanismo, a hora também concebe que essa(s) notícia(s) pode(m) ser atualizada(s), reatualizada(s) e expandida(s) convidando os “telespectadores” para, se assim desejarem, obterem mais informações no *site* e/ou até mesmo reverem a notícia veiculada e/ou outra programação. Inclusive, vez ou outra, os apresentadores reiteram essa possibilidade.

2. Recepção hipertextual multilinear

Com os avanços digitais provenientes das inovações tecnológicas, novas plataformas de informação foram incorporadas e passaram a ser utilizadas de forma simultânea pelo domínio jornalístico. Algumas dessas organizações são verdadeiros conglomerados comunicacionais, detentoras de um complexo sistema de comunicação, ou seja, órgãos de informação massiva e periódica que atingem um público heterogêneo e disperso. Esses órgãos são compostos de jornais, revistas, emissoras de rádio e tevê, além da “recente” inclusão das mídias digitais. Toda essa diversificação multimídia/multiplataforma possibilita uma gama maior de interatividade e de interconectividade com os telespectadores/leitores/navegadores, consequentemente, estabelecendo novas e simultâneas maneiras de recepção textual.

⁶ Portal de notícias da Globo.

Portanto, em decorrência das múltiplas possibilidades de recepção – leitura e/ou navegação – em conformidade com o conceito de deslinearização (XAVIER, 2009; RIBEIRO, 2016) acreditamos que o conceito de multilinearidade envolva mais perfeitamente a complexidade da recepção multimodal. Justificamos essa nossa escolha pelo próprio caráter indefinido e simultâneo da recepção textual, já que não sabemos onde e nem quando, e mesmo, em que formato ou dispositivo, a informação está chegando ao telespectador/leitor/navegador, esta indefinição e/ou indeterminação da recepção não linear nos permite afirmar que a opção de como percorrer o texto/hipertexto é, relativamente, do (a) leitor (a) (XAVIER, 2009; RIBEIRO, 2016).

Não é difícil imaginarmos alguém, na frente do aparelho de tevê, assistindo a um telejornal, ao mesmo tempo com um *tablet* ou *smartphone* na mão acessando o *site* de notícias, ou mesmo aplicativo, ou lendo e/ou postando comentário no instante em que a notícia está sendo veiculada no canal televisivo.

O gênero notícia, no jornalismo e no telejornalismo, faz uso de uma profusão de linguagens, de recursos semióticos, intertextuais, hipertextuais e formas remissivas ao discurso de outrem que motiva a sua constituição, ao mesmo tempo em que provoca um fato social, atende às necessidades da situação e cria novas realidades de significação. Estratégias de remissão multimodais são usadas com a função de situar o discurso pretensamente reproduzido, uma espécie de ajuste televisual. Por isso, imagens, sons, vozes, esquemas são combinados para a produção e, conseqüente, recepção do discurso reportado.

Por essa razão, o que queremos destacar é o fato de a modalidade verbal não ser a única responsável pelo discurso atribuído a outrem, diferentes recursos semióticos são empregados para reportar o discurso citado. É o que passaremos a discutir mais detidamente, com outros exemplos de gêneros ancorados no telejornalismo – que realizam remissão ao discurso alheio. Nessa perspectiva, no próximo ponto, iremos empreender análises e reflexões na

tentativa de, enfim, de forma mais estabilizada – após toda a trajetória que percorremos – respondermos à pergunta: como se constroem multimodalmente as referências ao discurso de outrem nos noticiários telejornalísticos?

3. Multimodalidade e o discurso reportado no telejornal

O discurso reportado é a representação de outro discurso (AUTHIER-REVUZ, 1990; MAINGUENEAU, 2008). Com a ampliação do conceito de texto para além do linguístico (SANTAELLA, 2007), outros modos de representação semióticos são inelutavelmente constituintes desse objeto empírico que chamamos de texto. Por isso, compreendemos que o discurso reportado deve ser considerado por suas múltiplas e heterogêneas formas de representação simbólica. E isso equivale dizer que os textos podem e devem ser, epistemologicamente, analisados pelos seus múltiplos modos semióticos (KRESS E VAN LEEUWEN, 2001, 2006; DIONISIO, 2011; DIONISIO E VASCONCELOS, 2013; RIBEIRO, 2016). Em relação ao discurso reportado de forma multimodal, concebemos a existência de uma mudança intergenérica e, ao mesmo tempo, heterogênica que se conforma pela ocorrência de múltiplas semioses na composição do texto de outrem. Assim, constatamos um verdadeiro processo de retextualização intergenérica, ou seja, uma produção reconfigurada a partir do discurso alheio; consubstanciada pela alteração da modalidade e do gênero textual do discurso reportado (KRESS, 2003; RIBEIRO, 2016). Portanto, as referências ao discurso de outrem são, também, construídas de maneira multimodal (KRESS, 2003; RIBEIRO, 2016).

As emissoras de televisão usam mapas, gráficos, infográficos e outros textos multimodais para expor aos telespectadores/leitores o discurso de outro; todavia consideramos que há nesse processo um mecanismo interdiscursivo reconfigurado e/ou transmutado para outro gênero. Assim, quando passamos de um modo semiótico para outro, bem como, quando elaboramos um discurso a partir de outro – e/ou operamos modificações na linguagem – estamos retextualizando. Ainda para exemplificar, quando se realiza a tarefa de

transformar o que está no modo escrito para o oral, do imagético para o verbal ou vice-versa, de um modo de linguagem para outro, ou mesmo, quando combinamos recursos semióticos, na verdade, realizamos intervenções de refacção; o que comporta, muitas vezes, a mudança de gênero textual e, conseqüentemente, a ampliação do repertório retórico. Para Ana Elisa Ribeiro (RIBEIRO, 2016) a inserção de representações gráficas na mídia contribui para o letramento digital. De acordo com a autora (RIBEIRO, 2016, p. 39-40): “Ao experimentar a leitura (ou ao ouvir as explicações dos jornalistas) de gráficos e infográficos, todos nós nos familiarizamos com representações cartográficas ou gráficas narrativas, estatísticas e informações”.

Realmente, observamos que os telespectadores estão, relativamente, habituados a esses construtos retóricos multimodais, a exemplo das rotineiras transmissões, por parte dos telejornais, das previsões do tempo que usam uma profusão de modos e recursos semióticos em suas composições. Esses textos multimodais (mapas, tabelas, gráficos e infográficos) dinamizam, ao mesmo tempo, que tornam mais ágil a interação com os telespectadores. Como podemos observar a seguir:

Exemplo 2: trecho da Previsão do tempo/Jornal Nacional



Fonte: disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2016/06/30.html>>. Acesso em: 01 de jul. 2016.

Em seu discurso, Maria Júlia Coutinho, jornalista responsável pela apresentação da previsão do tempo no principal telejornal da Rede Globo, faz uso de estratégias cartográficas – mapas climáticos, tabelas, formas icônicas – para expor aos telespectadores as previsões meteorológicas para cada região do país. A referência à fonte de informação (Climatempo – CPTEC/INPE)⁷ é

⁷ CPTEC (Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos) do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) órgão ligado ao Governo Federal).

indicativa de que o seu discurso é, na verdade, um discurso reportado, isto é, um discurso produzido a partir de outro. Sobre esse discurso se opera uma retextualização.

De forma análoga, inclusive citando outras instâncias discursivas, é recorrente no suporte televisual o uso do gênero textual multimodal infográfico, como forma de retextualização do discurso do outro; assim como podemos conferir em um dos noticiários da Globo News:

Exemplo 3: trecho do Globo News Edição das Dez



Fonte: Globonews. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cFHALSh1NBw>>. Acesso em: 26/06/2016.

Cada um dos infográficos, nos enquadramentos do exemplo acima, inclui uma fonte de informação, CAGED⁸, MTE⁹, Planejamento¹⁰, os dois primeiros tematizam o desemprego e as perdas de vagas por setores: comércio, indústria e serviços, o terceiro versa sobre a abertura de vagas na administração pública e o quarto se refere ao corte de orçamento da união proposta pelo Ministério do Planejamento.

A utilização dos infográficos – como estratégia multimodal de composição do discurso reportado – leva em consideração a imprescindível agilidade e dinamicidade exigida pelo veículo televisivo. Além de o discurso de origem ter

⁸ CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados).

⁹ MTE (Ministério do Trabalho e Emprego).

¹⁰ Planejamento (Ministério do Planejamento).

como base uma linguagem técnica-científica de campos diversos como: meteorológico, socioeconômico, financeiro mercadológico etc. com situações interacionais e objetivos próprios do seu domínio discursivo.

Considerações Finais

Como percebemos, ao assistimos a um telejornal, localizamos várias marcas, sejam explícitas ou sejam implícitas, que remetem a outros textos e que são constitutivas da linguagem e indispensáveis à informação.

A modalidade verbal não é a única responsável pelo discurso atribuído a outrem, diferentes recursos semióticos (especialmente em alguns gêneros) são empregados para reportar o discurso citado mesclando-se para a produção de sentidos. O suporte televisual une, nos gêneros discursivos que ancora, o modo verbal – escrito, bem como oral – com o imagético e outros modos semióticos constituintes da linguagem audiovisual.

Portanto, os recursos imagéticos, ao lado da narrativa oral – e dos elementos da escrita – têm em vista, perceptivelmente, referenciar o discurso reportado. Isto é, o discurso de outrem é citado e retomado de forma híbrida por meio de recursos verbo-visuais.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). **Caderno de Estudos Linguísticos**, v. 19, 1990, p. 25-42.

BAKHTIN, Michail. **Estética da Criação Verbal**. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da Linguagem**: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 13. Ed. São Paulo: HUCETEC, [1929] 2009.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, [2005] 2011.

DIONISIO, Angela Paiva. VASCONCELOS, Leila Janot. Multimodalidade, gênero textual e leitura. In: BUZEM, C. MENDONÇA, M. (Org.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 19-42.

DIONISIO, Angela Paiva. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication**. London: Oxford University Press, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual designer**. 2. ed. London/New York: Routledge, 2006.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. 5ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, Carolyn R. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial, [1984, 2009] 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais: Leitura e Produção**. São Paulo: Parábola, 2016.

ROJO, Roxane Helena R. BARBOSA, Jacqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio, XAVIER, Antônio Carlos. (Org.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentidos**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 207-220.